

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel)

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945

Formada pela rua 23 do Jardim Chapadão

Início na rua Engº Artur Canguçu

Término na rua Dr. Lúcio Pereira Peixoto

Jardim Chapadão

Obs.: O decreto 92/45 e o 94/45 que revogou o anterior, foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311/45, foi assinado pelo Prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá. Aprovado pela resolução nº 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo.

PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel)

Antônio Manoel de Camargo Lacerda, nasceu na Vila de São Carlos (depois Campinas), em 27 ou 28-junho-1819, pois foi batizado em 04-julho desse ano, com seis dias de vida. Era filho de Abel Bueno de Lacerda e Maria Joaquina de Camargo. O Padre Abel era dotado de inteligência viva e de memória prodigiosa, aqui fez seus estudos preparatórios, dedicando-se, principalmente, ao estudo da língua latina, tendo sido aluno desta disciplina do padre Quadros. Possuía verdadeira paixão pelo latim, aperfeiçoando-se nos estudos, havendo se tornado um latinista profundo. Teve mocidade ardente e entusiasta, sem contudo se afastar dos bons princípios da ética social. Foi valente e destemido, mas, compenetrado de seus ideais e correto em todos os seus atos. Desde menino revelou possuir bom coração, pois sempre foi extremamente bondoso. Por ocasião da Revolução Liberal de 1842, Camargo Lacerda que tinha arraigadas convicções conservadoras, participou do movimento em nossa cidade, havendo sido destacado como sentinela avançada para dar alarme, logo que os revoltosos acampados na Venda Grande tentassem se aproximar do povoado. Conseguiu o posto de anspeçada, e foi sentinela no Bonfim. Escolheu a carreira eclesiástica e seguiu-a. Ordenou-se. Talvez a sua imensa bondade, a propensão do seu espírito para o bem, para a verdade e para a justiça, aliadas à paixão pela língua latina, muito concorressem para a sua escolha. Depois de ordenado passou a ser conhecido como "Padre Abel". O seu nome não era Abel e sim Antônio Manoel. Mas, como antigamente em Campinas havia o hábito de se dar ao filho o nome paterno, começaram a chamá-lo pelo nome de seu pai. Ficou sendo "Padre Abel". Era sacerdote de qualidade e virtudes. A lealdade e a franqueza eram características primordiais da sua formação moral. Aqui foi o grande auxiliar do padre Vieira, substituindo-o como pároco de Campinas, durante a ausência deste, em junho de 1861. Quando foi criada a paróquia de Santa Cruz, em 1870, o Padre Abel foi o primeiro signatário em seu livro do Tombo, do termo de instalação dessa nova paróquia, em 08-maio. Por ocasião da entrega do Hospital e do patrimônio da Santa Casa à Irmandade por parte do padre Joaquim José Vieira, o que foi feito perante a Câ-

Rua Padre Camargo Lacerda (Padre Abel)

Fls. 02

mara Municipal em 16-agosto-1876, também o Padre Abel tomou parte nesse ato. Na Santa Casa era o irmão número 21, conforme sua assinatura no respectivo livro de matrícula, em 06-fevereiro-1876. Por diversas vezes, e na maior parte de sua vida, aqui exerceu ele a atividade eclesiástica, tendo sido coadjutor dentre outros, do padre Néri. Possuía uma propriedade agrícola nas proximidades de Souza, nas divisas com Valinhos, onde até hoje existe o sitio conhecido como "ponte do Padre Abel", que talvez tenha sido construída por ele. Fora de Campinas desempenhou, dentre outras, as vigarias de Monte Mor, Serra Negra, Santa Bárbara, Amparo (1860) e Limeira (diversas vezes, entre 1863 e 1869). Fazendeiro nas margens do Atibáia, possuía escravos, aos quais não castigava e viviam à sôlta, quer de dia, quer de noite. Faleceu Antônio Manoel de Camargo Lacerda (Padre Abel) nesta cidade, na manhã de 09-fevereiro-1902, no prédio da rua Francisco Glicério nº 22, esquina da rua Benjamin Constant. Por ter sido sacerdote, foi seu corpo solenemente encomendado na Matriz Velha (hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo), com todas as honras a que fazia jús. Mas, por um lamentável esquecimento não foi feito o assentamento de seu óbito no livro competente da igreja.

RUA PADRE CAMARGO LACERDA

(Padre Abel)

**Decreto N. 94, de 1945****REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BAIXO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ DALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARRO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DIGNA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ÁLVARO VILACELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

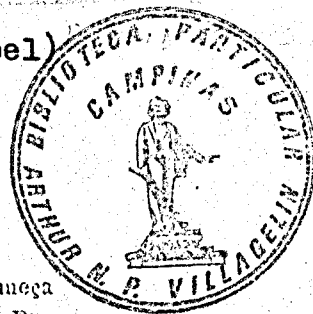
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emílio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Penteado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lúis e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo, em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emília Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retorno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Montello;

RUA LUIZ SILVEIRO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Bettim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERREZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retôrno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retôrno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Grosinho Mala;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Cuedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro. (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANDORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

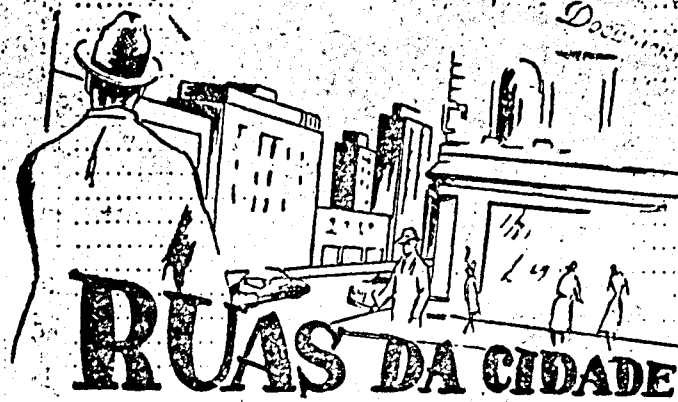
Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



CAMARGO LACERDA, PADRE — rua

(Antônio Manoel de Camargo Lacerda — Padre Abel)

Começa na rua Luís Gama e termina na rua Lúcio Peixoto, no CHAPADÃO.

A primeira denominação foi dada pelo Decreto n.º 92, de 13 de março de 1945, revogado pelo Decreto n.º 94, de 16 de maio de 1954. A denominação definitiva foi dada pelo Decreto-Lei n.º 311, de 13 de novembro de 1945. Tem 15 metros de largura.

DADOS BIOGRAFICOS

Antonio Manoel de Camargo Lacerda — Padre Abel —, nasceu na então Vila de S. Carlos (depois Campinas), aos 27 ou 28 de junho de 1819, e faleceu nesta cidade aos 9 dias de fevereiro de 1902. Era filho de Abel Bueno de Lacerda e de dona Maria Joaquina de Camargo.

Sobre o Padre Abel, conta-nos a Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, constituída dos srs. Dr. Celso da Silveira Rezende, Prof. Celso Camargo Ferraz e João Batista de Sá (38.ª edição):

“... aqui seus estudos preparatórios. Estava com pouco mais de 10 anos, quando deu-se a revolução liberal, de 1842. Camargo Lacerda, — que tinha arraigadas convicções conservadoras — armou-se, montou no seu roslho, e foi, espontaneamente, apresentar-se ao Tte. Cel. José Vicente de Amorim Bezerra, comandante dos “Piriquitos” — assim eram apelidadas as forças governistas, no Largo da Cadeia Velha. Escolheu a carreira eclesiástica, e seguiu-a. Ordenou-se. Talvez a sua imensa bondade, a propensão do seu espírito para o bem, para a verdade, e para a justiça, alladas à paixão pela

língua latina, muito concorreram para essa escolha. O seu nome não era Abel mas, sim, Antonio Manoel. Mas, como atigamente, em Campinas, havia o habito de se dar ao filho o nome paterno, começaram a chamá-lo pelo nome do pai. E, “Padre Abel” ficou sendo. Foi grande amigo e auxiliar de Padre Vieira (depois Bispo do Ceará), e o substituiu, interinamente, como pároco de Campinas, durante a ausência deste, em junho de 1861. Quando foi criada a paróquia de Santa Cruz, em 1879, o Padre Abel foi o primeiro signatário, em seu Livro do Tombo, do termo de instalação dessa nova paróquia, em 8 de maio. Foi vigário de Monte-Mór, Serra Negra, Sta. Bárbara, Amparo e Limeira por diversas vezes. Fazendeiro nas margens do Atibala, já em 1872, possuía escravos, os quais não eram castigados, e viviam à solta. Certa feita, em face de reclamações dos vizinhos, foi obrigado a prendê-los, em forte senzala, dizendo-lhes: “Olhem, vocês estão fechados. Mas, como algum pode ter necessidade de sair à noite, a chave está debaixo da porta”. Por essa forma, prendeu-os sob palavra...”

TLAOR MALTA GUIMARAES



PADRE CAMARGO LACERDA (PADRE ABEL)

Antônio Manoel de Camargo Lacerda, filho de Abel Bueno de Lacerda e d. Maria Joaquina de Camargo nasceu na Vila de São Carlos, em 27 ou 28 de junho de 1819, pois foi batizado em 4 de julho desse ano, com seis dias de vida — diz inicialmente o relatório da Comissão Especial do Centro de Ciências, integrada pelos srs. dr. Celso Silveira Rezende, Celso Ferraz de Camargo e o autor desta história, em biografia que originou nome de rua a esse destacado elemento da Igreja católica campineira.

Teve entre outros parentes na Vila d. Ana Maria Leite que ao falecer deixou testamento lavrado em 28 de janeiro de 1828, declarando-se natural da Vila de Parnaíba, moradora na de São Carlos, filha dos falecidos Francisco Medeiros da Costa e de d. Maria Leite do Prado. Por sua morte seus bens passaram a d. Maria Joaquina de Alvarenga (ou de Camargo), mulher de Abel Bueno de Lacerda, tendo a testadora, ainda, outra irmã de nome d. Escolástica Paes de Barros e o pai de Abel uma irmã de nome Antônia Maria de Jesus, que morou durante algum tempo em sua companhia.

D. Ana Maria Leite foi casada com Francisco Bueno de Camargo tendo seu inventário requerido no fôro da Vila em 4 de março de 1828, declarando-se natural da Vila da Parnaíba, filha legítima de Bartholomeo Bueno de Camargo e sua esposa d. Narciza Bueno. De seu consórcio Ana Maria não teve filhos sendo que, em S. Carlos, durante muitos anos, foi seu marido lavrador, pelo menos até agosto de 1825.

Quando sua viúva faleceu morava ela na rua de Santo Antônio, onde possuía um correr de casas, sendo seu irmão Abel testamenteiro deixando a cargo do padre Bernardo de Melo e Silva o encargo de lhe rezar cinquenta missas por sua alma.

A progenitora do padre Abel quando faleceu teve seu inventário com o nome referido de d. Maria Joaquina de Alvarenga, requerido em 13 de novembro de 1862 e o falecimento ocorrido quase um ano antes, isto é, em 24 de dezembro de 1861. Deixou herdeiros: João José de Lacerda, d. Jesuina Antônia de Barros, casada com José Furquim de Campos, o Reverendo Antônio Manoel, d. Maria das Dores, solteira, d. Maria da Conceição, também solteira: o seu viúvo, por esse tempo, morava no sítio do Atibáia, aqui mesmo nas redondezas da Vila, já então cidade de Campinas.

Quanto ao progenitor de nosso biografado, faleceu em 1865, sendo seu inventário iniciado por petição desse ano, em 1.º de maio, pelo seu

filho Francisco Bueno de Lacerda deixando na inicial os nomes dos herdeiros: João José de Lacerda, casado; d. Jesuina Antônia de Barros, casada com José Furquim de Campos, domiciliados em Moji Mirim; d. Maria da Conceição, ambas conservando-se, ainda, solteiras; Francisco Bueno de Lacerda, o testamenteiro, sendo o falecido filho de Francisco Bueno de Lacerda de idêntico nome e de d. Maria Bueno da Rocha, ambos falecidos, havia tempos. O testamento do pai de padre Abel foi lavrado em 3 de maio de 1865 e nada acrescenta de curioso em suas linhas que possa interessar à história.

Nesses dias do ano de 1865 padre Abel era morador na cidade de Limeira tendo, após, transferido seu domicílio para lá, morando alguns tempos e pouco antes em Amparo, onde possuía um sobrado, embora ao tempo fosse vontade de seu progenitor que ele ficasse como capelão em sua propriedade agrícola, aqui na cidade.

Padre Abel jamais quis se afastar definitivamente de Campinas, tanto assim que sempre foi condômino nas terras da fazenda Santana com seu irmão Francisco que era casado com Ana Francisca de Moraes Lacerda, falecida em 3 de janeiro de 1885.

Padre Abel era dotado de inteligência viva e de memória prodigiosa, aqui fez os seus estudos preparatórios, dedicando-se, principalmente, ao estudo da língua latina, tendo sido aluno desta disciplina do padre Quadros. Tal era o seu gosto pelo latim que o falava e nele escrevia, comumente, embora a princípio fosse o mesmo "macarrônico". Depois, aperfeiçoou-se e se tornou latinista profundo.

Teve moçidade ardente e entusiasta, sem contudo se afastar dos bons princípios da ética social. Foi valente e destemido, mas, compenetrado de seus ideais e correto em todos os seus atos. Desde menino revelou possuir bom coração, pois sempre foi extremamente bondoso. Possuía Lacerda (Rafael Duarte), todos os requisitos para um soldado de cavalaria: ampla farda de pano pilôto, largo cinturão de couro, um chanfallo longo, de côvado e meio, uma barretina proporcional ao chanfallo, e, por complemento, um cavalo rosilho, valente e manhoso como em geral soem ser os cavalos desse povo.

Podia o Lacerda contar por esse tempo, os seus bons vinte e poucos anos. O Camargo Lacerda, como bom governista que era, montou no seu rosilho, cravou-lhe de banda as chilenas e lá foi perfilar entre a guarda cavalaria legal. Aquêlê ar militar, aquêlê espontaneidade heróica ram-lhe fôros de impertérito entre os milicianos companheiros, bem como a estima e consideração de seus superiores. Era o, com efeito, o Lacerda, valente, teimoso, e homem de bem, às direitas. Dispondo, pois, de tão



preciosos dotes, coube-lhe a vez, entre outros, de ser destacado como sentinela avançada para dar alarma, logo que os revoltosos acampados na Venda Grande tentassem se aproximar do povoado. Era o pôsto arriscado, indubitavelmente, por que podia lhe vir, sem que soubesse donde, uma boa carga de chumbo à traição!

Por esse tempo a exaltação de ânimos era indescritível. A cidade já estava transformada em praça de guerra, principalmente com a chegada do contingente militar para aqui destacado. Era o largo da Cadeia verdadeiro acampamento militar.

Com o pôsto de anspeçada foi destacado pelo Tenente coronel Bezerra para servir como sentinela avançada no alto do Bonfim. Lá chegando condeou-se do animal, tirou-lhe o freio e foi render o camarada que estava de serviço. Feito o seu quarto de hora, retoma a montaria, grita-lhe "upa" e risca-a com as chilenas. O cavallo desce do alto do Bonfim, numa disparada louca, zigzagueando através da cidadezinha que ficou em polvorosa, sem que o anspeçada Lacerda pudesse subjugar sua montaria, apesar de socar-lhe a boca com toda a força de seus possantes músculos. Afinal, o animal, estalfado, foi parar nas proximidades da rua de Baixo (Luzitana), esquina com a do Imperador (Marechal Deodoro). Ao apaar é que viu, então, o Lacerda que não havia reposto o freio à cavalgada. Em soliloquio, na sua filosofia e no seu latinório, concluiu: "Talis et qualis". Sem freio nada caminha bem; tanto faz um homem como um cavallo rosilho!!"

Aí estava, manifesta, a bondade do Lacerda para com os animais e, querer bem aos animais, já o disse alguém, é indício de bom caráter. Mas, bondade do Lacerda éle usava, para com tudo e com todos. Dela se servia para aconselhar os companheiros da mocidade, quando estes tentavam se desviar dos bons princípios, nos desvarios próprios da idade doirada. Da sua paixão pelo latinório nos conta Rafael Duarte a seguinte passagem.

Num seu natalício, convidou alguns amigos para comerem um pato recheado e um cuscús, regados por afamado vinho ituano. Mandou-lhes convite circular, em latim "macarrônico", com este período final "*Veni, puer, ad manducandum anserem, replectum cibi, e etiam, mixtuam farinæ, quod in brasilense lingua vocatur cuscuz. Vale. Ex-corde, A. C. Lacerda*".

Compareceram todos os convidados. A mesa não viram aparecer o pato recheado, mas, sim, em vez d'ele, um leitãozinho assado. Um dos convivas, o mais sabido em latim, arriscou: "*Amice, anise, ubi est anser, replectus cibi? Non eum vidimus adhuc?!...*"

— "*Nec videbitis*" — respondeu o Lacerda — "*quia famulus, plenus aque ardentis males intellexit et, pro eo, occidit hunc parvulum porcum!*"

E, assim, devido à borracheira do criado, o pato com recheio se tornou em leitão assado!!!

Mas, tudo passa... E a mocidade do anspeçada Lacerda, também passou.

Rafael Duarte, que o conheceu muito bem, d'ele diz em seu "Campinas de outrora", que a sua geração bem conhecera ao anspeçada Lacerda, o bom, o digno e santo homem que foi o padre Abel. Ninguém, mais do que éle Duarte, admirava-lhe as qualidades e virtudes naquele sacerdote, incontestável ornamento que foi de nosso cléro, dono de um coração de ouro capaz das maiores dedicações, de caráter puríssimo, consciência immaculada, estimado por todo povo campineiro.

Era assaz original o padre campineiro. Uma curiosa mania, durante algum tempo, o empolgára: a de ser rico, muito rico, pretendendo ser herdeiro da não menos pretensa herança Drumond (um irlandês arqui-milionário) pois se enradicára no padre a convicção de ser seu sucessor! O mais curioso é que, no rol d'eles, ia inscrevendo a quantos se inculcavam como tais! O melhor, porém, é que no Rio de Janeiro havia um sujeito de pergaminho que lhe insuflava a ambição com grave ónus para o padre Abel, o qual gastou bons cobres em justificações, pelaçada, sélos e trapalhadas mais. Mas, sua paixão predileta, era mesmo o latim. Quando começava a desfiar o rosário, era um nunca terminar! Lá ia, horas a fio, tudo quanto aprendêra, a começar da artilha do padre Pereira. Começava no *bora, bora* e ia até os escaninhos da sintaxe, metrificação, etc.

Escolheu a carreira eclesiástica e seguiu-a. Ordenou-se. Talvez a sua imensa bondade, a propensão do seu espirito para o bom, para a verdade e para a justiça, aliadas à paixão pela lingua latina, muito concorresse para essa escolha. Depois de ordenado passou a ser conhecido como "Padre Abel". O seu nome não era Abel e sim Antônio Manoel. Mas, como antigamente em Campinas havia o hábito de se dar ao filho o nome do paterno, começaram a chamá-lo pelo nome de seu pai. "Padre Abel" ficou sendo. Era sacerdote de qualidades e virtudes. A lealdade e a franqueza eram as características primordiais da sua formação moral. "Coração de ouro, capaz das maiores dedicações, caráter puríssimo, consciência immaculada de todo o povo era estimado o padre Abel.



De sua lealdade e franqueza há o exemplo na seguinte passagem com D. Joaquim Arcoverde, então Bispo de São Paulo e futuro primeiro Cardeal brasileiro.

Estando S. Excia. Revdma. em visita pastoral à Campinas, numa roda do clero local, quis saber como se julgava aqui da sua atuação para com ele. Todos se manifestaram favoráveis à ação do grande antistite. O padre Abel, porém, sem quebra do respeito devido a tão alta autoridade da Igreja fêz ver a S. Revma. que ele era severo demais para com o clero e que os padres deviam ser tratados com mais tolerância. Com surpresa de todos, D. Joaquim, com admirável superioridade, apreciou e louvou a franqueza, a lealdade e a sinceridade de padre Abel. Não foi somente em Campinas que o Padre Abel (continuemos a chamá-lo assim), exerceu suas atividades. Aqui foi o grande auxiliar do padre Vieira (o futuro Bispo do Ceará) e o substituiu interinamente como pároco de Campinas, durante a ausência d'este, em junho de 1861.

Quando foi criada a paróquia de Santa Cruz, em 1870, o Padre Abel foi o primeiro signatário em seu livro do Tombo, do termo de instalação dessa nova paróquia, em 8 de maio. Por ocasião da entrega do Hospital e do patrimônio da Santa Casa à Irmandade por parte do Padre Joaquim José Vieira, o que foi feito perante a Câmara Municipal em 16 de agosto de 1876, também padre Abel tomou parte nesse ato. Na Santa Casa era o irmão número 21, conforme sua assinatura no respectivo livro de matrícula, em 6 de fevereiro de 1876.

Por diversas outras vezes, e na maior parte de sua vida, aqui exerceu ele a atividade eclesiástica, tendo sido coadjutor dentre outros, do padre Néri. Possuía uma propriedade agrícola nas proximidades de Sousa, nas divisas com Valinhos, onde até hoje existe o sítio conhecido como "ponte do Padre Abel", que talvez tenha sido construída por ele.

Fóra de Campinas desempenhou, dentre outras, as vigararias de Monteiro, Serra Negra, Santa Bárbara, Amparo (1860), e Limeira (diversas vezes, entre 1863 e 1869), em toda parte deixando rastros luminosos da bondade do seu coração e a prática de suas virtudes magníficas.

Quando vigário de Santa Bárbara roubaram-lhe um dia a capa! O Padre Abel não queria perder sua veste (era novinha!), mas, não queria humilhar o ladrão com a sua descoberta ou confissão de seu delito. O que fêz, então? Recorreu a um estrategêma. Subiu ao púlpito e fêz um sermão sobre o pecado do furto e muito maior pecado era roubar de padre, e, por isso, aquêle que lhe havia roubado a capa devia deixá-la

às escondidas no corpo da igreja. E a capa nova do Padre Abel reapareceu sem que se soubesse quem a havia surripiado!!!

Alma essencialmente boa, sempre propensa a perdoar se compadecia, por igual, dos seres animados e inanimados. Mesmo quando revestido de autoridade e poder não exercia severidade contra quem quer que fôsse. Humilhar, para ele, era pecado grave. Fazendeiro nas margens do Atibaia, possuía escravos, aos quais não castigava e viviam à solta, quer de dia, quer de noite. As reclamações dos vizinhos contra esse estado de coisas foram de tal monta que resolveu o bom padre Abel prendê-los à noite. Doía-lhe no coração porém, o ter que fazê-lo! Nessa conjuntura engendrou um meio interessante para amainar o que chamava sua culpa. Fechou os escravos em cerrada senzália para as vistas dos outros, dizendo-lhes: "Olhem, vocês estão fechados. Mas se alguém tiver necessidade de sair à noite, a chave está debaixo de porta!" Por essa forma, prendendo-os sob palavra, o magnífico padre Abel tranquilizava sua consciência e satisfazia a grêgos e troianos. Faleceu o Padre Abel nesta cidade, na manhã de nove de fevereiro de 1902 no prédio da rua Francisco Glicério, n.º 22, esquina da rua Benjamim Constant. Por ter sido sacerdote foi seu corpo solenemente encomendado na Matriz Velha, com tôdas as honras a que fazia jus. Mas, por um lamentável esquecimento não foi feito o assentamento de seu óbito no livro competente da igreja.

Esta é uma cópia xerográfica das páginas 99 a 104, da "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro João Batista de Sá (Jolumá Brito, Editora Saraiva, 1962)

